

## AQUELE QUE VEM DE FORA - CONFLITOS E CONTRADIÇÕES

### HE THAT COMES OUT - CONFLICTS AND CONTRADICTIONS

Maria Denize Santos Peixoto<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente texto apresenta algumas reflexões que integram a dissertação de mestrado intitulada “*Estudantes guineenses na Universidade Federal de Uberlândia — sociabilidade e identificações em terras do além-mar*”. Baseia-se nas experiências e percepções de sujeitos fora do lugar e ingressantes naquela universidade por meio do Programa Estudante–Convênio de Graduação (PEC–G). A pesquisa foi realizada com 14 estudantes guineenses e na metodologia foi adotada a observação simples, questionários e entrevistas semiestruturadas. A sistematização dos dados revelou as estratégias de identificações e interações sociais fomentadas por conversas em crioulo e outros traços diacríticos carregados de simbologia e que se compatibilizam com os significados da figura do “estrangeiro” elaborados por Georg Simmel e Alfred Schutz. Baseado na perspectiva desses autores o artigo busca compreender o sentido do termo exacerbado pela posição de estranho como demarcador nas relações sociais.

**Palavras-chave:** Estudantes guineenses, tipo social estrangeiro, Programa Estudante–Convênio de Graduação (PEC–G), sociabilidade, identificações.

**Abstract:** This paper presents some reflections that make up the Master's thesis entitled “*Guineam students at the Federal University of Uberlândia - sociability and identification of land from overseas.*” It is based on experiences and perceptions of subjects out of place and that entering university through the Program Student-Agreement Graduation (PEC-G). The survey was conducted with 14 Guineam Students and methodology was adopted simple observation, questionnaires and semi-structured interviews. The systematization of the data revealed the identifications and social interactions strategies encouraged by conversations in Creole and other diacritical traits laden with symbolism and that make compatible with the meanings of the figure of “foreign” developed by Georg Simmel and Alfred Schutz. Based on these authors' views the article seeks to understand the meaning of the term exacerbated by the strange position as path in social relations.

**Keywords:** Guineam students, foreign social type, Program Student-Agreement Graduation (PEC-G), sociability, identifications.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU, Uberlândia, MG, Brasil). [mariadenize@ufu.br](mailto:mariadenize@ufu.br)

## 1. Introdução

A mobilidade acadêmica não é fenômeno atual. É prática que remonta ao pré-surgimento das universidades e desempenha papel-chave na internacionalização do ensino superior por criar condições de interação e compreensão clara, não enviesada demais, das diferenças culturais dos atores sociais de países distintos. Em terras brasileiras baseia-se em programas de mobilidade e em convênios de cooperação acadêmica nas áreas de educação, cultura ou ciência e tecnologia. Dentre os existentes os programas Estudantes–Convênio de Graduação (PEC–G) e Estudantes–Convênio de Pós-graduação (PEC–PG) são instrumentos importantes na formação superior de quadros profissionais dos países envolvidos. Embora haja outros convênios, no presente estudo o PEC–G foi a porta de entrada para no contexto brasileiro visualizar os estudantes guineenses ingressantes na UFU por essa via de acesso.

O PEC–G é um convênio de cooperação bilateral entre o Brasil e alguns países situados na África, América Latina e Ásia, com vista à formação de recursos humanos em universidades públicas federais, estaduais ou particulares. É administrado pelo Ministério das Relações Exteriores, por intermédio da divisão de temas educacionais, e pelo Ministério da Educação, com a parceria das IES. Regulamentado desde 1965 pelo primeiro protocolo; para dar maior força jurídica, o decreto 7.948, de 12/3/2013, passou a reger a tramitação.

Os dados do MRE informam que 56 países (24 da África, 25 das Américas e sete da Ásia) participam do acordo e que quase 2,7 mil estrangeiros estudam no Brasil por meio do programa. Nesse âmbito, as nações do continente africano integrantes dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) procuram crescentemente enviar seus jovens ao Brasil em busca de qualificação profissional. Gusmão (2011, p. 283) vincula aos aspectos econômicos e sociais citados por Lima e Maranhão (2009) valores humanitários como motivadores dos projetos de cooperação internacional e afirma:

Na UFU (2014), a adesão de estrangeiros ao PEC-G entre o 1º semestre de 2007 e 2º de 2012 somou 67 estudantes: três em 2007; nove em 2008; 15 em 2009; 14 em 2010; sete em 2011; 19 em 2012. Nesse período, 19 vieram da Guiné-Bissau, dado que favoreceu a escolha da unidade de investigação da pesquisa; dentre estes, 14 se dispuseram a

participar da pesquisa aqui descrita. Registros da Secretaria de Educação Superior do MEC relativos aos processos de seleção 2008–10 demonstram que os cursos de Engenharia, Medicina, Administração e Relações Internacionais são os mais procurados pelos candidatos ao programa (BRASIL, 2014). Os registros revelam uma relativa diversificação nos cursos escolhidos pelos entrevistados. Nas Ciências Sociais, Ciência da Computação e Medicina: dois em cada; as graduações de Administração, Arquitetura e Urbanismo, Ciências Econômicas, Enfermagem, Engenharia Mecânica, Odontologia e Relações Internacionais tem um estrangeiro matriculado cada.

Os processos de mobilidade acadêmica abrangem trocas culturais, científicas e universitárias; isto é, mostram diversidade de realidades que “[...] produzem efeitos e consequências difíceis de serem apreendidas por indicadores precisos e quantificáveis”; acrescente-se a escassez de estudos científicos e acadêmicos sobre a temática, em especial quando se trata de migrações<sup>2</sup> para fins de estudos de jovens africanos oriundos de países de língua portuguesa. No Brasil, poucos pesquisadores exploram o assunto; muitas vezes, são os estudantes africanos que refletem academicamente sobre suas experiências longe da terra natal. “Fora isso, estudantes africanos só encontram visibilidade, quando vitimados por violência, quase sempre de ordem racial, que ganham as mídias impressas e televisivas” (GUSMÃO, 2012a, p. 14;15).

A maioria dos guineenses pesquisados é católica, solteira, idade entre 20-27 anos, sexo masculino, proveniente da capital guineense (Bissau) e de família extensa: em geral têm quatro irmãos/irmãs ou mais. Os dados sistematizados apontam que 50% dos pais e 36% das mães possuem escolaridade entre superior incompleto e pós-graduação e que, em geral, ocupam cargos de direção no governo, em organizações não governamentais (ONGs), em empresas públicas e privadas, além de manter um status socioeconômico e político considerável. São as famílias de origem que os sustentam no Brasil. Dez estudantes atribuíram ao pai e à mãe a responsabilidade por uma renda familiar equivalente a faixa de R\$ 550 a R\$ 2 mil.<sup>3</sup> Doze deles (76%) escolheram o Brasil como primeira opção de país onde estudar. Pesaram na decisão a proficiência em

<sup>2</sup> Sobre migrações, consultar: Ianni (1996), Peres (2002), Sales e Salles (2002), Menezes (2002), Hall (2003), Castles e Miller (2004) e Subuhana (2007).

<sup>3</sup> A moeda corrente em Guiné-Bissau é o Franco da Comunidade Financeira Africana. Conforme dados da Associação Brasileira das Corretoras de Câmbio (ABRACAM), um franco (CFA) corresponde a 0,003 reais (BRL). Disponível em: <<http://br.advfn.com>>. Acesso em: 2 jun. 2013.

língua portuguesa e o conhecimento adquirido com guineenses que estudam em outras universidades do país.

Os significados da figura do “estrangeiro” elaborados por Simmel e Alfred Schutz respaldam, no estudo em foco, as minhas observações em relação a esse tipo social na perspectiva dos guineenses entrevistados, dentre os quais pude delinear o sentido do termo exacerbado pela posição de estranho como demarcador nas relações sociais. Também procuro responder indagações a fim de compreender aspectos da estrutura social intrínsecos à mobilidade acadêmica dos jovens estudantes que buscam por qualificação profissional fora do país de origem, em terras do além-mar.

## **2. Qual o significado de ser estrangeiro num país como o Brasil?**

Pensar no significado social da categoria “estrangeiro” supõe pensar na questão identitária, isto é, que o estranho seria “o outro” na lógica do “quem sou e quem não sou” (HALL, 2006). Nessa oposição, diferença e semelhança se integram e se contrapõem, num construto que permite visualizar as interações e os vínculos construídos no aqui e agora da realidade cotidiana de estudantes guineenses vivendo “fora do lugar” em busca de formação em nível superior e qualificação numa universidade além do território de origem. A subjetividade do olhar humano resulta das experiências e constituições sociais vivenciadas pelo indivíduo em função da sua origem, família, local de nascimento etc.; ou seja, de elementos sujeitos às determinações do contexto histórico, portanto diferentes de cultura para cultura, de sociedade para sociedade.

Nesse sentido, como o estudante estrangeiro em deslocamento temporário na UFU é portador de uma multiplicidade cultural, procuro compreender como, em seu novo espaço cotidiano, ele reconstrói sua sociabilização. Neusa Gusmão (2006a, p. 62–63) condiciona o termo “estrangeiro” ao sujeito que adentra fronteiras físicas e sociais de um espaço ao qual não pertence e onde emerge “[...] o imigrante, categoria que só tem existência a partir da sociedade que recebe o estrangeiro”. A autora discute a imigração temporária de estudantes africanos de países de língua portuguesa em Portugal e considera a diferenciação cultural, étnica e linguística

como geradora de relações de “[...] proximidade e distanciamento, indiferença e envolvimento com aqueles que são do lugar”.<sup>4</sup>

Gusmão (2006a) aborda a concepção de proximidade e distância à luz de Simmel (2005), que trata de quem vem de fora e do grupo local com que se estabelece interação; ele pensa no ato de viajar como ponto liberado em qualquer lugar no espaço e a mobilidade resultante como síntese entre estar e não estar. A unidade entre próximo e distante categoriza o termo “estrangeiro” como uma forma de interação.

“Todavia, este fenômeno também revela que as relações espaciais são, de um lado, apenas a condição, e do outro, o símbolo, de relações humanas. É desse modo que se discute o estrangeiro aqui e não no sentido em que muitas vezes no passado se tocou neste assunto, considerando o viajante que chega hoje e parte amanhã, porém mais no sentido de uma pessoa que chega hoje e amanhã fica. (SIMMEL, 1983e, p. 182).

O autor destaca os aspectos liberdade e fixação para a condição de indivíduos itinerantes; e emprega a noção de estrangeiro *não* no sentido habitual atribuído a quem chega hoje e parte amanhã, mas a quem vem hoje e amanhã pode ficar. Portanto, refere-se ao que se muda de um lugar para outro e não vai embora logo.

A unificação de proximidade e distância envolvida em toda relação humana organiza-se, no fenômeno do estrangeiro, de um modo que pode ser formulado da maneira mais sucinta dizendo-se que, nesta relação, a distância significa que ele, que está próximo, está distante; e a condição de estrangeiro significa que ele, que também está distante, na verdade, está próximo, pois ser um estrangeiro é naturalmente uma relação muito positiva: é uma forma específica de interação. (SIMMEL, 1983e, p. 183).

Mesmo que por tempo determinado, ao fixar residência o indivíduo em mobilidade acadêmica passa a se ligar a um grupo (de universitários, de brasileiros, de pessoas de outras nacionalidades etc.). Nessa interpretação, como membro orgânico não pertencente ao grupo local, o estrangeiro viveria um paradoxo na visão de estranhamento: está geográfica e fisicamente próximo — há traços comuns de

<sup>4</sup> GUSMÃO (2006a, p. 62) esclarece haver uma distinção entre os termos imigrante e estrangeiro usados com o mesmo significado pelo senso comum: imigrante seria quem adentra “[...] um espaço físico e social que não é o seu espaço [...] é essencialmente uma força de trabalho provisória, temporária e em trânsito”.

natureza social, nacional, etc. entre ele e dado grupo social; mas está psicológica e culturalmente distante quando esses traços comuns se ampliam para além dele ou do grupo e criam conexões apenas porque ligam muitas pessoas. Assim, o estrangeiro está perto e longe ao mesmo tempo (SIMMEL, 1983e, p. 186). Estar próximo e distante ao mesmo tempo atribui ao estrangeiro o caráter da objetividade que pode ser definida também como liberdade: o indivíduo não está preso a nenhum compromisso que o impeça de examinar situações com menos preconceito, dadas as suas características essenciais; por ser alguém de fora, é mais livre, tem capacidade de julgamento e de observação diferenciada daquelas dos membros que pertencem ao grupo local (SIMMEL, 2005, p. 265).

No caso do deslocamento temporário de estudantes africanos no Brasil, a análise da contradição entre o “nós” (os que vêm de fora — os de lá) e o “eles” (os daqui) significa entendê-la, sem generalizar, como parte de processos sociopolíticos da contemporaneidade e tentar perceber, na pluralidade dos indivíduos, questões como diferença, racismo, preconceito, discriminação e construção de um saber em diáspora como partes da (re)construção das identidades “fora do lugar”, “[...] que é, também, um ‘estar no lugar’ e que, permite articular o local com o transnacional, produzindo cultura e realidade política específicas desse processo” (GUSMÃO, 2012a, p. 19).

O conhecimento e a aproximação de povos e nações distintos geram uma maior consciência da diferença nos estilos de vida e nas orientações valorativas, que pode tanto expandir o horizonte de compreensão da própria sociedade e cultura quanto fechar-se para reforçar identidades étnicas, nacionais ou políticas sectárias que se sentem ameaçadas (GÓMEZ, 1999 apud GUSMÃO, 2006a, p. 84).

Para Simmel (1983e), é importante perceber que os estereótipos são construídos através de práticas representacionais que resultam na redução do objeto a poucas características; logo, as diferenças avaliadas segundo um viés ideológico são claramente fixadas e marcadas numa tentativa de impor as normas da cultura de uns sobre as dos outros. Em decorrência, a visão de mundo dominante se estabelece com um sistema de valores que passa a parecer natural e inevitável. Assim, ao conviver cotidianamente próximo e envolvido nas relações, o estrangeiro à luz de Simmel tem, ao mesmo tempo, uma relação de proximidade e envolvimento com o grupo.

Entretanto, como frequentemente é tratado tal qual um “de fora” e se sente à parte, muitas vezes pode desenvolver um sentimento de distância e indiferença. É o estranho portador de sinais diferenciadores como língua, costumes, alimentação, modos e maneiras de se vestir etc. Ele não partilha certos preconceitos do grupo nem se sente forçado a agir como um membro (SIMMEL, 2005).

A diversidade dos espaços sociais da convivência diária dos estudantes entrevistados com indivíduos de outras nacionalidades deixa entrever elementos e apreender o significado de ser estrangeiro no Brasil, como demonstrado no relato abaixo:

Eu me considero estrangeira no Brasil. Ser estrangeiro é quando você, como a cultura é diferente, tenta se adaptar; se adapta até certo ponto, mas de um certo ponto pra frente, você não se adapta mais. Eu me sinto estrangeira pelas coisas que eu citei antes, pelo fato do racismo, pelas culturas que são diferentes, o comportamento das pessoas mesmo, então, a maneira de lhe tratar quando descobrem que você nem é daqui. No primeiro dia, lhe tratam bem, mas depois, de lá pra frente a pessoa nem está nem aí mais pra você. (ENT5).

Além disso, conforme apontado por Gusmão (2012b, p. 58), o que esses estudantes vivem no processo de deslocamento “[...] cria um emaranhado de visibilidade/invisibilidade da presença e da não presença resultantes da condição diaspórica que os coloca ‘fora de lugar’”; desafio constante a ser superado em busca do objetivo da qualificação profissional necessária, ensejando, após o retorno ao país de origem, contribuir com a construção “do lugar”: “[...] de suas nações emergentes, de um novo Estado-nação que necessita deles comprometidos, como futuro de seus quadros dirigentes e gestores”.

Os relatos a seguir tornam visível a invisibilidade sugerida por Gusmão quando os estudantes foram inquiridos sobre o sentimento de fazer parte da comunidade universitária e da cidade:

Também acho que não estou fazendo parte da comunidade universitária. Porque eu participo das atividades acadêmicas, mas quando não é acadêmica, já não tem clima para participar. Por exemplo, se a pessoa vai a uma festa, e se não tiver outro africano ou algo assim, você se sente sozinho nessa festa. Você fica lá passeando sem ninguém pra conversar, divertir ou algo assim, você se sente muito sozinho. Às vezes me sinto integrada mais ou menos; por exemplo, na minha turma, tem dias que eu sinto que eu estou fazendo

parte da turma mesmo, mas tem dias eu me sinto como se eles me tivessem afastado deles. (ENT5).

Ah... A comunidade universitária que participo é a comunidade guineense lá dentro na universidade. Na verdade, amigos assim muito próximos eu praticamente não tenho. (ENT2).

Ao tratar da invisibilidade/visibilidade de pessoas que vêm de outras terras para estudar em universidades brasileiras, a autora afirma que se tornam invisíveis no espaço universitário: não só nas estatísticas, mas também nas ações de assistência dos órgãos gestores da universidade, dos colegas em sala de aula e nos demais espaços. Em relação aos estudantes brasileiros e à percepção que têm dos estudantes de origem africana, a autora observa: “Um alunado que desconhece quem são, sobretudo por vê-los como ‘africanos’, categoria genérica e desprovida de especificidade a não ser a que se refere a um lugar distante, desconhecido e indistinto: a África” (GUSMÃO, 2012b, p. 56).

Ser estrangeiro significa que você não vai poder tentar a bolsa de moradia, e mais: tem uma certa coisa, alguns impedimentos a você [que] é estrangeiro. Você não pode votar. Eu tenho vontade de votar, participar nas eleições aqui no Brasil. (ENT2).

Eu me sinto integrado sim... Mas, assim, *para você se sentir integrado aqui na cidade é difícil, tem muita gente aqui que tem preconceito, e para você lidar com aquelas pessoas, você tem que ser uma pessoa muito madura, não ficar pensando o que é que estão pensando de você. Mas de maneira geral eu me sinto integrado sim. Tenho meus amigos, pessoas de boa aqui para eu conversar.* (ENT4, grifo meu).

Em relação à cidade, não me sinto tão estranha, porque nós tentamos descobrir os lugares pra poder ir, mas, não é fácil. Por exemplo, eu já estou aqui há três anos e não conheço muita coisa de Uberlândia, eu não sei onde são os lugares. Eu tento conhecer mais ou menos para ir, mas como eu não sei como é o ambiente desse lugar, eu fico com medo de ir, *ainda mais sozinha, por eu não ter nenhum amigo brasileiro com quem possa ir e poder estar com ele naquele lugar, ou para me levar aqui ou ali, dizer aqui é assim, ou ali é assim. Então, nós tentamos descobrir esses lugares sozinhos, e quando descobrimos tentamos arrumar um grupo entre nós para poder ir e não ficarmos sozinhos.* (ENT5, grifo meu).

Nesse ponto, as diversas experiências na realidade social dos estudantes em deslocamento temporário fornecem elementos para um paralelo entre a pesquisa aqui relatada e o pensamento de Gusmão: os entrevistados se veem como diferentes, e a tomada de consciência dessa diferença suscita distintas inquietações e muitos limites. Os dados colhidos dão indícios de que o preconceito de marca

(NOGUEIRA, 2006) existente na sociedade brasileira e efetivado pela simbologia das cores (MUNANGA, 2012) caracteriza o “outro” — neste caso, o estrangeiro guineense — como portador de diferenças nas relações sociais dadas. Para Gusmão (2012b, p. 56), no âmbito da diáspora, os estudantes negros vindos de África em geral são tratados indistintamente pelos brasileiros como “africanos”; isto é, sem uma nação de origem específica, sem uma identificação genérica e não percebida por eles quando se encontravam naquele continente. No novo contexto, passam a assumir tal identificação, e o termo africano se torna elo na construção de uma identidade, “[...] capaz de unir o diverso que representam para, então, estabelecer a solidariedade possível entre diferentes feitos iguais e homogêneos: indistintamente africanos”. Visão essa ratificada no contexto da pesquisa nas afirmações de alguns dos interlocutores: “[...] a primeira coisa que identifica a gente é de todo mundo ser do continente africano” (ENT2); e “[...] porque a gente só se vê um povo sem etnias separadas, aqui todo mundo é só guineense mesmo” (ENT5).

Nessa ótica, Gusmão (2012b, p. 59) afirma que:

Há uma dificuldade de relacionamento com os brasileiros, que muitas vezes não dão atenção aos colegas africanos. Nesse sentido, os africanos preferem conviver com seus conterrâneos. Mas não é só isso, existe mais solidariedade com os grupos de estudantes estrangeiros de outros países ou até brasileiros vindos de outras cidades, pois que estes também se sentem “estrangeiros” e solitários em sua vivência universitária.

Tavares (2001, p. 85) assevera que Simmel analisa o tema como uma forma específica de interação entre “aquele que vem de fora” e o grupo no qual se encontra. O estrangeiro traz em si premissas contraditórias que envolvem indiferença e envolvimento, mas na verdade seria “[...] uma forma qualitativamente distinta de inserção no grupo, fazendo com que pertença ao mesmo, sem, no entanto ser considerado parte dele”.

Ante a possibilidade do olhar diferenciado do estudante guineense na UFU — dada sua posição de “estranho” em sua percepção e apreensão (sensorial) de sua nova realidade social —, à abordagem que faz Simmel do estrangeiro como forma específica de interação social se faz também pertinente a concepção teórica de

Alfred Schutz (1899–1959).<sup>5</sup> Enquanto Simmel, com sua sociologia formal, toma como base da sociação a distinção entre forma e conteúdo, Schutz na sua perspectiva fenomenológica prioriza as experiências concretas do cotidiano para compreender a pluralidade do mundo da vida, um mundo social que aparece ao indivíduo como dado de forma pré-estruturada.

Como salienta Schutz, somente as experiências cotidianas balizadoras de ações, relações, interpretações e reinterpretações diversas permitem aos sujeitos perceber a si mesmos e a outros indivíduos; e, assim, a estabelecer ligações e a possibilidade de construir um mundo próprio com o auxílio de materiais e métodos que lhes são oferecidos. Para o autor é importante expor como o padrão cultural — pensar habitual — da vida de um grupo “[...] se apresenta para o senso comum do homem que vive seu cotidiano dentro do grupo com seus semelhantes” (SCHUTZ, 2010, p. 118; 2012, p. 100). Consoante Carla Costa Teixeira (2000, p. 13),

Schutz nos permite reelaborar a ênfase dada, pela noção de interação, à percepção exterior do campo expressivo da ação ao olhar do observador, de uma perspectiva a partir da qual o observador pode posicionar-se em diferentes ângulos, assumir diferentes identidades, desdobrando-se em mero expectador presente no momento da ação, coparticipante direto ou indireto da mesma e o pesquisador desinteressado nos resultados pragmáticos em jogo na situação.

Destarte, Schutz (2010) focaliza o modo como o padrão cultural de um grupo é interpretado por um estrangeiro quando ele se aproxima e procura se orientar dentro desse mesmo grupo. Na sua concepção, o estrangeiro é uma pessoa adulta de uma civilização contemporânea que procura ser aceito permanentemente ou ao menos tolerado pelo grupo natal e aborda o imigrante como modelo conceitual desse forasteiro. O autor exclui dessa consideração os indivíduos que pretendem manter apenas contatos transitórios com o grupo.

No pensamento de Schutz (2010, p. 121), a tessitura da *realidade social* é construída através das diferentes atribuições de sentido — conhecimento do mundo com base no senso comum ou no conhecimento científico — próprias do nível respectivo de organização do pensamento e desenvolvidas pelos indivíduos em determinados contextos sociais. Questiona ainda a experiência do mundo material — imersa no *senso*

---

<sup>5</sup> Outros autores abordam a questão do estrangeiro, consultar: Zygmunt Bauman (1999, 2011), Anthony Giddens (2004), John Urry (2001), Kabengele Munanga (2010), Norbert Elias (2000).

*comum* e tomada como *natural* — partilhada e aceita pelo indivíduo nascido ou criado no interior de um grupo como uma herança social, um padrão cultural regido por um sistema de costumes e transmitido por ancestrais, professores e autoridades, como um “[...] inquestionado e inquestionável guia em todas as situações que ocorrem normalmente no mundo da vida social”.<sup>6</sup> Portanto,

O “mundo da vida cotidiana” deve ser considerado como o mundo intersubjetivo que já existia muito antes do nosso nascimento, que já foi vivenciado e interpretado por outros, nossos antecessores, como um mundo organizado. Toda interpretação desse mundo é baseada sobre um estoque de experiências prévias a seu respeito, nossas próprias experiências e aquelas que transmitidas a nós por nossos pais e professores que, sob a forma de um “conhecimento” à mão, opera como um esquema de referência [...] sempre assumido como algo natural [...]. Os costumes internos do grupo [...] são socialmente aceitos como formas boas e corretas de lidar como os homens e as coisas. Eles são naturalizados porque foram testados ao longo do tempo e, sendo socialmente aprovados, dispensam explicações ou justificações. (SCHUTZ, 2012, p. 84; 92).

Para Schutz, o padrão cultural consiste numa receita denominada conhecimento: um “[...] pensar como de costume, [...], uma concepção relativamente natural do mundo” (SCHELER, 1926, p. 58 apud SCHUTZ, 2012, p. 93–4). Na sua análise, o pensamento habitual como algo acima de qualquer questionamento só pode ser mantido enquanto algumas suposições continuarem a ser verdadeiras, a saber: a vida social continua a ser como sempre foi; o conhecimento legado confiável até o momento assim deverá permanecer, mesmo que a pessoa não entenda sua origem e seu significado; na vida cotidiana é suficiente saber algo superficial sobre os estilos de eventos do mundo da vida para gerenciá-los; e o sistema de conhecimento só pode ser realizado com sucesso quando não limitado à esfera individual e quando a sua interpretação seja aceita e aplicada tanto a nós como aos outros (SCHUTZ, 2010; 2012).

No enfoque de Schutz (2010; 2012), quando as experiências do mundo da vida engendram a contestação de qualquer uma das suposições acima citadas, há descontinuidade da maneira de pensar habitual na “[...] historicidade e fragilidade do ‘estilo de vida normal’” (TEIXEIRA, 2000, p. 24); logo, surge uma crise para derrubar

<sup>6</sup> Senso comum: “[...] modo de conceber e vivenciar o mundo que se encontra tão enraizado nos sentimentos e pensamentos de seus integrantes, que lhes é dado como se fossem da ordem das coisas da natureza” (TEIXEIRA, 2000, p. 15).

o padrão cultural estabelecido. É nesse campo conceitual que se encaixa o estrangeiro, pois este, ao não compartilhar a tradição histórica do grupo de que se aproxima, não reconhece as características culturais prevaletentes com a autoridade de um sistema testado de receitas no qual se pressupõe que o outro aja ou reaja de forma peculiar.

Embora, no ponto de vista do estrangeiro, a história do grupo aproximado lhe seja acessível, nunca fará parte de sua biografia como o faz a de seu grupo de origem. As formas de vida de seus pais e antepassados são as referências que utiliza como elementos de seu próprio modo de viver. Lembranças não podem ser legadas nem conquistadas; e o estrangeiro, tendo vivido em outro mundo social, atua segundo valores e interações diferenciados dos vigentes na nova realidade; portanto, acerca-se do grupo local como um recém-chegado “[...] no sentido mais verdadeiro do termo” (SCHUTZ, 2012, p. 100).

Em seus estudos sobre a sociabilidade de estudantes moçambicanos no Brasil, Subuhana (2005, p. 11) reflete sobre o imigrante “[...] como um homem de outro lugar para o qual deverá voltar mais cedo ou mais tarde” e considera que durante o deslocamento esses indivíduos experimentariam a condição específica abordada por Schutz (2012): o tempo todo indagam e fazem comparações entre a sociedade de acolhida e a sociedade de origem. Esses estudantes compartilham concepções relativamente naturalizadas de seu mundo social, e na sociedade de acolhimento, nas experiências do “aqui e agora”, logo percebem o sistema de valores que lhes é peculiar como inadequado à nova realidade na qual devem atuar. Nas palavras de Schutz, o padrão cultural local ao alcance do estrangeiro é confuso e inconsistente; não é um abrigo, parece um campo de aventuras; não é algo natural e evidente, mas tópico questionável de investigação; não é um instrumento para resolver situações problemáticas, mas ele mesmo uma situação problemática em si mesma e bastante difícil de dominar (SCHUTZ, 2010, p. 128; 2012, p. 106). Desse modo, na abordagem do autor, o conhecimento trazido, o “pensar como sempre” não garante ao recém-chegado assimilar o esquema cultural do grupo aproximado; antes, constitui uma incompatibilidade, um constante desafio à experiência do “nós”, pois ao não ocorrer o compartilhamento de um sistema de significatividades, fundamental na concretização do relacionamento “nós”, “[...] subsume-se o ‘nós’ ao ‘outro’ na forma do ‘ele’ estrangeiro” (TAVARES, 2001, p. 83).

Schutz (2010, p. 129) restringe a sua análise do processo de assimilação social à atitude específica daquele que vem de fora e se aproxima do grupo local. Com esse foco, observa que estranheza e familiaridade não se limitam ao estrangeiro ou ao campo social: são “[...] categorias gerais para nossa interpretação do mundo”. Salienta que qualquer pessoa, independentemente da sua origem, no transcorrer da sua experiência cotidiana ao se deparar com algo desconhecido fora do seu limite de conhecimento (torna-se um estranho), passa a questionar esse padrão cultural de maneira que a interpretação do fato se torne compatível e consistente com sua experiência e sistema de significados. A adaptação do recém-chegado ao grupo natal que lhe pareceu ser estranho e não familiar é um processo contínuo de indagação do padrão cultural do grupo aproximado. Em caso de sucesso na adaptação, esse padrão e seus elementos tendem a se naturalizar para o recém-chegado, assim como se tornam estilo de vida para os membros internos. “[...] o estrangeiro não mais será um estrangeiro” e o processo de sociabilidade estará completo (SCHUZZT, 2010, p. 129).

Contudo, o sentido de estranho dado por Schutz pode ser percebido no recorte específico da interação social dos estudantes entrevistados durante o deslocamento na sociedade local na perspectiva desse estrangeiro como “nós” e dos brasileiros como “eles”. Para ilustrar uma situação específica, cabe citar relatos dos entrevistados ao serem inquiridos sobre a realidade da expressão “brasileiro só convive com brasileiro”:

Eu concordo em parte. Por exemplo, brasileiro, se ele não te conhece, não chega perto, fica meio afastado; às vezes, ele entra só pra saber algumas coisas: obter alguma informação sobre você, sobre a sua cultura, depois disso ele se afasta um pouco. Eu tenho essa experiência, por exemplo: quando eu aqui cheguei na primeira semana, todo mundo chegava em mim conversando, e depois a maioria começou a se afastar um pouco. Tem algumas pessoas que eu convivo até hoje e a gente conversa, mas outros se afastaram. (ENT1). Até certo ponto sim, porque, assim, não se pode falar em geral, porque tem sempre um ou outro que não convive só com brasileiro, que você vê mesmo que tem aquela vontade, então são esses que nós valorizamos mais, o que não está nem aí, nós não ligamos para ele, mas aquele um, já faz a diferença para nós, entendeu!? Então, assim, por isso eu digo, até certo ponto podemos dizer que sim, mas nem sempre, porque um já faz a diferença. (ENT5).

Algumas respostas revelam sentimentos de exclusão e não adaptação: “eles”, os membros do grupo aproximado, somente são objetos de observação e interpretação, e

não de interação e participação. Em consonância com outras pesquisas sobre a sociabilidade de estudantes estrangeiros realizadas no Brasil (DESIDÉRIO, 2006; GUSMÃO, 2006; 2010; SILVA; MORAIS, 2012), na experiência do cotidiano dos jovens guineenses, foram relatadas limitações e dificuldades em estabelecer vínculos sociais com brasileiros e a tendência de formar grupos de amigos com conterrâneos e indivíduos de outras nações africanas.

Outros entrevistados responderam àquela indagação dessa forma:

...Não. Porque, isso foi uma das coisas que me fez querer vir a estudar aqui, porque o brasileiro respeita qualquer tipo de cultura. Eu sempre escolhi estudar aqui, desde quando estou estudando o ensino médio. (ENT4).

Eu... Bom... Assim, porque eu já viajei para outros países, né? Mas eu acho o pessoal muito receptivo aqui, eu acho o pessoal muito receptivo... A gente conversa, a gente fez muitas amizades por aqui. (ENT2).

Eu não sei, mas, por exemplo, a maioria dos colegas, dos amigos brasileiros, muitos que eu conheço tanto aqui quanto fora daqui, [sobre] a convivência entre mim e eles, não tenho nada a criticar, sabe? Eles me tratam bem, assim como eu trato eles bem também, sabe? Eu respeito eles, e eles também me respeitam. (ENT3).

Mesmo com essas respostas, durante as observações da pesquisa de campo, percebi a tendência à efetivação de amizades entre si (guineenses) e/ou a formação de grupos com africanos de outras nacionalidades dentro dos diferentes espaços sociais; percepção que torna pertinente citar a relevância da afirmativa de Schutz de que a adaptação do estrangeiro depende muito mais dele e de sua disponibilidade de se abrir a um pensar que lhe é incomum: os novos padrões culturais; dada a diversidade étnico-cultural da qual o estudante estrangeiro é portador.

Cabe notar, dentre os guineenses, a coerência com o sentido de estrangeiro abordado em Simmel e em Schutz. As respostas dos estudantes guineenses sobre o significado de ser estrangeiro num país como o Brasil demonstrou a ambiguidade da questão: se alguns estudantes admitem um sentido de coesão e identidade grupal, outros revelam dilemas e contradições nas suas relações sociais. Em suas reflexões, Schutz afirma que no mundo da vida a intersubjetividade é a categoria ontológica fundamental da existência humana; por consequência, a interação social implica uma relação entre o “eu” e o “outro”. Assim,

[...] ao viver no mundo, vivemos com outros e para outros, e orientamos nossa vida na direção deles. Ao vivenciá-los como outros, como contemporâneos e congêneres, como predecessores e sucessores, ao nos unirmos com eles na atividade e no trabalho comum, influenciando sobre eles e recebendo, por nossa vez, sua influência, ao fazer todas estas coisas compreendemos a conduta dos outros e supomos que eles compreendem a nossa. (SCHUTZ, 1974, p. 39).

Nesse mesmo viés, penso de acordo com Tavares (2001) e sua afirmativa de que em Schutz uma realização plena do “nós” só pode ser possível em um processo de intersubjetividade comum (nós, sujeitos, atuamos no mundo com base nas relações intersubjetivas que temos com outros) construído e vivenciado na esfera da mesma pauta cultural. Por não partilhar das experiências anteriores comuns ao grupo aproximado, o estrangeiro não acessa o mesmo nível no sistema de significatividades nem tem um ponto de partida para ter como referência. O conhecimento trazido pelo estrangeiro não constitui garantia para assegurar uma experiência do “nós”; antes, o questionamento em torno dessa pauta cultural impossibilita efetivar a transposição de nível de significatividades; logo, ele tende a permanecer à margem do grupo aproximado. Essa realização nunca ocorrerá plenamente e sempre manifestará uma tensão, um dilema, um constante desafio; às vezes uma impossibilidade.

Dito isso, ante essa apresentação do pensamento de Simmel e Schutz, esses dois autores, ao buscar o entendimento da figura do estrangeiro, mantêm peculiaridades significativas. O forasteiro de Simmel evidencia o paradoxo da sua condição: estar perto e longe ao mesmo tempo; também significa uma valoração de sua condição de estranho dada pelo caráter de objetividade do seu olhar sobre os membros do grupo aproximado; como se não encontra imerso nas incongruências e nos limites da realidade local, pode até “vir a jogar com a sua condição”. Dada sua dificuldade de adaptação e transposição do padrão cultural local, o forasteiro de Schutz não consegue assegurar um lugar inclusivo no grupo e vivencia dilemas e tensões para ser inserido e estabelecer uma experiência do “nós” — o “[...] seu lugar é de confinamento. Sua condição, [...] de estrangeiro [...] seu papel, o da solidão” (TAVARES, 2001, p. 87). Para Tavares, os ensaios produzidos pelos dois sociólogos parecem exemplificar o estranhamento e o conflito como elementos para estabelecer, dar manutenção e fortalecer a sociabilidade, enquanto a experiência do tipo social estrangeiro não pode ser desvinculada da tensão e dos dilemas entre os diferentes

níveis de significatividades ou de conflito no jogo social. Embora sejam dimensões diametralmente opostas, proximidade/distância, visibilidade/invisibilidade, subjetividade /intersubjetividade, adaptação/estranhamento, dentre outras, encontram-se presentes na sociabilidade do estrangeiro abordada por Simmel e em Schutz: para um e outro, a realidade social é processo de construção e os tipos sociais devem ser entendidos nesse contexto.

Para Simmel, a interação acontece com base nas posições que os indivíduos assumem no “jogo de fazer sociedade”, na sociação. Schutz prioriza as experiências do cotidiano e considera o mundo da vida como objeto das ações e da interação humana, enquanto o forasteiro apresenta os dilemas relativos à constituição da intersubjetividade: ponto fundamental à efetivação da relação do “nós”. A tensão que aparece no forasteiro de Schutz não é pontual na obra de Simmel. Na sociologia deste — aponta Moraes Filho (1983) —, a sociedade não é estática, acabada; mas é um acontecer. É um fazer, desfazer e refazer incessante de aproximação e separação, consenso e conflito, competição, dominação e subordinação, hierarquia e igualdade, fios que se tecem e constituem as formas múltiplas de interação, sínteses relacionais dotadas de significados próprios conforme o contexto dos indivíduos.

Segundo Pierre Birnbaum (1995), a abordagem de conflito tem ocupado um lugar de destaque nas teorias sociológicas de ontem assim como nos estudos contemporâneos; constitui argumentações diversificadas que culminaram na ampliação da noção de conflito incorporando formas de relações cuja discussão foge ao escopo deste estudo. Para citar alguns autores, destaco: para quem, longe de ser patológico, o conflito seria Thomas Hobbes (1983) e Auguste Comte (1983), precursores na reflexão sobre os fundamentos da ordem; Karl Marx (1984) e Émile Durkheim (1995; 1998), que empregam o conceito como elemento negativo, anormal ou patológico; Max Weber (1994), que concebe o conceito como relação social; e Simmel (1983d), fator de interação social.

Segundo Simmel (1983c), a sociedade só é possível através da sociação; e se o conflito regularmente encontrado nas relações socialmente reproduzidas é necessário à vida do grupo, sua continuidade só se efetiva quando exercida por mais de um indivíduo, de modo a produzir e modificar grupos de interesse, uniões e organizações. Portanto, deve ser considerado como uma forma de interação. Nas palavras dele,

Se toda interação entre os homens é uma sociação, o conflito — afinal, uma das mais vívidas interações e que, além disso, não pode ser exercida por um indivíduo apenas — deve certamente ser considerado uma sociação. [...] O conflito está assim destinado a resolver dualismos divergentes; é um modo de conseguir algum tipo de unidade, ainda que através da aniquilação de uma das partes conflitantes [...]. O conflito contém algo de positivo. Todavia, seus aspectos positivos e negativos estão integrados; podem ser separados conceitualmente, mas não empiricamente. (SIMMEL, 1983c, p. 122–3).

Em geral, a noção de conflito impregnada pelo senso comum está associada a aspectos negativos da vida social: ódio, inveja, necessidade, desejo etc. Como tal, destina-se a resolver antagonismos e, de alguma maneira, constituir algum tipo de unidade, mesmo que seja pela destruição de uma das partes conflitantes. Simmel (1983d, p. 123) rebate essa ideia de unidade no conflito mediante a afirmação de que “É o conflito um fato *sui generis* e sua inclusão sobre o conceito de unidade teria sido tão arbitrária quanto inútil, uma vez que o conflito significa negação da unidade”. Desse modo, no âmbito da sociologia formal, esse autor — isto é, suas reflexões teóricas sobre a natureza sociológica do conflito — propõe que este deve ser entendido, não como ação desintegradora e anômica; mas como o pulsar da existência social, estruturante das interações sociais. Para alcançar determinada configuração, a sociedade necessita de forças de atração e repulsão (amor e ódio; harmonia e desarmonia; associação e competição) à medida que as forças negativas não atrapalhem. Assim, o conflito pode ser analisado positivamente como elemento integrador da convivência social.

Sendo assim, ao observar os estudantes guineenses, pressuponho que a conversação usualmente em crioulo, além de ser um elemento de reafirmação de suas identidades nacionais e constituinte da forma de sociabilidade predominante, pode ser considerada um *modus operandi* de um conflito instalado (sutil) entre esses estudantes em diáspora e indivíduos de nacionalidades não africanas. Subjacente a tal consideração estaria a tomada de consciência das diferenças que aqueles indivíduos encerram em si.

Se assim o for, então a compreensão formal do conflito pode ser vista como elemento integrador e processo de fortalecimento da sociabilidade entre aqueles que vêm de fora. A conversa em crioulo — cabe acrescentar — pode ser tida como

força de atração, elemento organicamente vinculado à origem africana gerador de um sentimento de diferenciação e entrosamento; nesse sentimento, ser africano significa amizade, respeito, integração, pertencimento e homogeneidade nas relações entre eles — mas às vezes heterogeneidade em relação aos outros (aos não africanos); perfaz relações de consenso (entre guineenses e africanos) — mas às vezes de contradição (nacionalidades não africanas). Dessa forma, as relações são marcadas pela ambivalência característica do tipo estrangeiro abordado por Simmel e em Schutz.

Com essa perspectiva, busquei averiguar a frequência de conflitos nas relações sociais dos entrevistados nos espaços sociais da UFU. A base de análise inclui a forma subjetivada da concepção de Schutz e a visão do conflito como elemento integrador das relações sociais abordado por Simmel. A possibilidade de ocorrência de conflitos na interação social dos entrevistados e indivíduos de nacionalidades diversas foi analisada na Tabela 5. Usei como referência as relações entre: os próprios estudantes guineenses; estudantes guineenses e estudantes africanos de outras nacionalidades; estudantes guineenses e brasileiros não estudantes; estudantes guineenses e estudantes brasileiros; estudantes guineenses e estudantes não africanos (excluídos os brasileiros); estudantes de outras nacionalidades africanas e estudantes brasileiros; estudantes africanos e estudantes de qualquer outra nacionalidade e; apenas estudantes brasileiros. Para avaliar a frequência utilizei as alternativas: às vezes, nunca, não sei e não respondeu (n=9).

TABELA 5

Frequência de conflitos dos guineenses entre si e deles com indivíduos de nacionalidades distintas nos espaços sociais da UFU

NACIONALIDADES	FREQUÊNCIA		
	Av	Nunca	Ns
Entre estudantes guineenses	1	8	—
Entre estudantes guineenses e estudantes africanos de outras nacionalidades	2	6	1

Entre estudantes guineenses e brasileiros não estudantes	2	4	3
Entre estudantes guineenses e estudantes brasileiros	1	7	1
Entre estudantes guineenses e estudantes não africanos (excluí brasileiros)	1	4	4
Entre estudantes de outras nacionalidades africanas e estudantes brasileiros	2	4	3
Entre estudantes africanos e estudantes de qualquer outra nacionalidade	2	4	3
Entre estudantes brasileiros *	2	1	5

\*: não respondeu = 1; AV: às vezes ocorrem; Nunca: nunca ocorrem conflitos; NS: não sei.

Fonte: Peixoto (2014).

Os dados extraídos revelam a tendência a nunca ocorrer conflito nas relações entre os entrevistados e seus conterrâneos; nem com indivíduos de outras nacionalidades, o que na teoria de Simmel constitui utopia, por ser o conflito um fato *sui generis* e significar a negação da unidade; conseqüentemente, as relações de unidade e as contrárias a essa unidade estão presentes em todas as situações historicamente reais:

[...] a unidade não pode ser encontrada através de uma harmonização exaustiva — segundo normas lógicas, objetivas, religiosas ou éticas — personalidade. A contradição e o conflito, ao contrário, não só precedem esta unidade como operam em cada momento de cada existência. É claro que provavelmente não existe unidade social onde correntes convergentes e divergentes não estão inseparavelmente entrelaçadas. Um grupo absolutamente centrípeta e harmonioso, uma “união” pura (*Vereinigung*) não só é empiricamente irreal, como não poderia mostrar um procedimento de vida real. (SIMMEL, 1983c, 123–4).

Corroboro a afirmação de Simmel e considero fundamental investigar um pouco mais a questão do conflito e ampliar o entendimento da interação social dos jovens africanos em diáspora. Para tanto, aos estudantes guineenses foi solicitado citar quais tipos de conflitos poderiam existir com conterrâneos e com indivíduos de outras nacionalidades (já especificadas) nos diferentes espaços sociais da universidade (QUADRO 10; n=9).

## QUADRO 10

Tipos de conflitos entre nacionalidades segundo os estudantes guineenses (1º semestre 2007–1º semestre 2012/UFU)

NACIONALIDADES	TIPOS DE CONFLITOS
Entre estudantes guineenses	Questões políticas, sociais do país e /ou acadêmicas ou cotidianas. Ciúme em relação à amizade. Um mal-entendido, algo que um disse e o outro interpretou de outra forma, coisas simples, normal acontecerem.
Entre estudantes guineenses e estudantes africanos de outras nacionalidades	Talvez, quando discutem questões acadêmicas. Conflito de ideias. Rivalidade, às vezes um quer se achar melhor do que outro, ou que seu país é melhor.
Entre estudantes guineenses e brasileiros não estudantes	Choque cultural; racismo, preconceito.
Entre estudantes guineenses e estudantes brasileiros	Conflito de ideias. Preconceito, racismo, às vezes a pessoa ouve algo sobre a África e em vez de perguntar a pessoa chega a sua frente afirmando, como se as coisas fossem assim.
Entre estudantes guineenses e estudantes não africanos (excluem brasileiros)	Conflito de ideias.
Entre estudantes de outras nacionalidades africanas e estudantes brasileiros	Choque cultural. Preconceito, racismo, às vezes a pessoa ouve algo sobre a África e em vez de perguntar, a pessoa chega a sua frente afirmando, como se as coisas fossem assim.

Entre estudantes africanos e estudantes de qualquer outra nacionalidade	<p>Pode ser que sim. Acho que o conflito sempre existe, mas depende do grau de conflito e forma de resolvê-lo.</p> <p>Choque cultural.</p> <p>Preconceito, racismo, às vezes a pessoa ouve algo sobre a África e em vez de perguntar, a pessoa chega a sua frente afirmando, como se as coisas fossem assim.</p>
Entre estudantes brasileiros	<p>Conflito de ideias, soberba, orgulho.</p> <p>Afinidades, um não tem afinidade com o outro e isso acaba gerando conflito e a criação de pequenas “panelas”, um fala mal do outro.</p>

Fonte: Peixoto (2014).

As respostas revelaram um paradoxo na questão: ao mesmo tempo em que a maioria dos pesquisados afirma nunca ocorrer ou não saber se ocorrem conflitos, ao serem solicitados a identificá-los outros sentidos são agregados. À luz da teoria de Simmel, é possível perceber, na dinâmica das interações, o “jogo de fazer sociedade” e o “tato social” presentes em suas relações sociais. Quanto à categorização das relações face a face, a intersubjetividade de Schutz se faz presente nas experiências cotidianas dos jovens guineenses, as quais apontam limites ao “pensar como de costume”. Choques culturais, conflitos de ideias, preconceito, rivalidade foram categorias reveladas por alguns entrevistados, o que sugere tensionamento e dilemas nos processos de sociação.

A afirmação de Gusmão (2012b) dá propriedade a essa questão. Seus estudos sobre angolanos no Brasil indicam heterogeneidade nas relações dadas entre migrantes africanos. Ela diz que, embora sejam angolanos e pertençam a uma mesma nacionalidade, procedem de etnias distintas e se diferenciam no Brasil conforme o visto de entrada do qual seja portador (refugiados políticos ou de estudantes). Para a autora, as relações entre africanos no Brasil não é tão fraternal como se imagina. Angolanos ou de outras nacionalidades dos PALOP, os indivíduos trazem em si distinções e

[...] estabelecem entre eles diferenças internas aos grupos e também externas, com implicações positivas e negativas no cotidiano vivido na “terra do outro” e, ainda, se acrescem em acordo com as diferenças de gênero, de religião, de participação/simpatia política partidária nos países de origem, entre outros aspectos. Trata-se de um contexto de tensão e luta permanente, que se arrefece nos momentos de lazer e festas e que se repõe mais à frente no dia a dia. (GUSMÃO, 2012b, p. 57).

Eis o contexto em que se inserem os estudantes guineenses, com suas singularidades históricas e seus modos de ser e pensar, tentando agir e reagir ao “pensar de costume” e ao ser estrangeiro e africano em terras brasileiras, no além-mar. Portadores de contradições e conflitos que os diferencia ante os outros (os não africanos) e ante os iguais (guineenses), buscam o sonho de contribuir para a construção da Guiné-Bissau como nação.

### 3. Conclusão

Estar no Brasil como estudante estrangeiro em mobilidade acadêmica traz ao jovem guineense uma experiência de significados diversos. Distância, proximidade e questionamentos da realidade social se inserem no contexto cotidiano das suas relações. Diante disso, as análises teóricas de Simmel e Schutz foram complementares ao entendimento do significado de ser estrangeiro no olhar do estudante. Estar próximo e estar longe ao mesmo tempo, a visibilidade/invisibilidade, a generalização das suas nacionalidades (apenas africanos) colocam os estudantes fora do lugar e lhes fortalece a noção de estrangeiro. Nessa lógica, sentir-se excluído em espaços da cidade e da comunidade acadêmica, as questões raciais, a não acessibilidade a projetos e recursos da assistência estudantil da universidade evidencia a invisibilidade vivenciada por esses sujeitos na situação de deslocamento temporário.

Na análise das divergências das categorias cultural, econômica, educacional, social, de saúde e outras elencadas, foi possível identificar o “olhar do estrangeiro” relatado por Simmel (2005). Para o teórico, a objetividade se constitui numa estrutura particular composta de distância e proximidade, indiferença e envolvimento, num “jogo de fazer sociedade”; nesse caso, os estudantes participantes da pesquisa se inserem nesse tipo social. Além disso, as experiências

do cotidiano relatadas indicam elementos que dão visibilidade ao sentido de estranho relatado por Schutz (2012). As dificuldades de transposição do pensar como de costume e de adaptação ao padrão cultural da nova realidade retratam na condição de forasteiro uma incompatibilidade desafiadora à experiência do “nós”.

Vale ressaltar a importância dos convênios bilaterais firmados entre nações para qualificar quadros profissionais no desenvolvimento de países periféricos no cenário mundial. No caso estudado, o PEC–G assume relevância fundamental para os jovens de Guiné-Bissau. Penso que estar em terras estrangeiras pode proporcionar aos estudantes a perspectiva de incrementar o saber acadêmico, de refletir sobre a condição nacional e de retornar à terra natal levando, além da bagagem intelectual adquirida, outros olhares que os conduzam a pensar em modos de vida viabilizadores de igualdade social, econômica e política. Entendo que práticas interdisciplinares em torno da assistência estudantil aos alunos africanos (e não só) pode ajudá-los a pensar adiante; por ser uma profissional inserida nesse contexto, espero que este artigo possa contribuir para a reflexão sobre práticas e saberes institucionais que possibilitem integrar os estudantes estrangeiros à comunidade social e olhar com mais nitidez para um público ainda invisível em ações e projetos mais arrojados para universitários.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. *Vidas em fragmento: sobre a ética pós-moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BIRNBAUM, P. Conflitos. In: BOUDON, R. (Dir.). *Tratado de sociologia*. Tradução Teresa Curvelo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 247–82.

BRASIL. Decreto n. 7.948, de 12 de março de 2013a. Dispõe sobre o Programa de Estudantes–Convênio de Graduação/PEC–G. *Diário Oficial da União*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Decreto/D7948.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D7948.htm)>. Acesso em: 22 maio 2013.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Divisão de temas educacionais. *Programa de Estudante Convênio de Graduação – PEC-G*. Disponível em: <<http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico.php>>. Acesso em: 2 maio 2014.

CASTLES, S.; MILLER, M. J. *La era de la migración. Movimientos Internacionales de Población en el Mundo Moderno*. México. Editor: Miguel Ángel Porrúa, 2004. 388 p.

COMTE, A. Curso de filosofia positiva (1830). In: COMTE. Tradução José Arthur Giannotti. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

DESIDÉRIO, E. J. *Migração internacional com fins de estudo: o caso dos africanos do programa estudantes-convênio de graduação em três universidades públicas no Rio de Janeiro*. Dissertação (mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais) — Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2006.

DURKHEIM, É. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. *Émile Durkheim: Sociologia* (José Albertino Rodrigues, org.). São Paulo: Ática, 1998.

ELIAS, N; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução: Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Sússekind; apresentação e revisão técnica, Federico Neiburg. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GIDDENS, A. *Sociologia*. Tradução: Alexandra Figueredo et al. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

GÓMEZ, J. M. Globalização da política: mitos, realidades e dilemas. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente: desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial*. Petrópolis: Vozes/CLASCO, 1999.

GUSMÃO, N. M. *Os filhos da África em Portugal*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006a.

GUSMÃO, N. M. Trajetos identitários e negritude: jovens africanos no Brasil e em Portugal. *Impulso*, Revista de Ciências Sociais e Humanas, Bauru: São Paulo, v. 17 (43), p. 45–57, 2006b.

GUSMÃO, N. M. África e Brasil no mundo acadêmico: diálogos cruzados. In: CONGRESSO PORTUGAL E OS PALOP — Cooperação na Área da Educação/

COOPEDU. Lisboa: CEA, 2011, p. 283–99. Disponível em: <<http://repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/3012>>. Acesso em: 16 out. 2012.

GUSMÃO, N. M. Africanos no Brasil hoje: imigrantes, refugiados, estudantes. In: *Dossiê: Juventudes, Expressividades e Poder em Perspectivas Cruzadas*. Frank Marcon e Lorenzo Bordonaro (Org.). Tomo: Revista do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais/Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais,

Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão: Editora UFS, n. 21, p. 13-36, jul./dez. 2012a.

GUSMÃO, N. M. *África, Portugal e Brasil: um novo Triângulo das Bermudas?* Cadernos CERU: Universidade de São Paulo, v. 23, n. 2, 2012b. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/56877/0>>. Acesso em: 25 jan. 2014.

HALL, S. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Organização: Liv Sovik. Tradução: Delaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2003.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBBS, T. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil (1651)*. In: *HOBBS*. Tradução João Paulo Monteiro; Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

IANNI, O. Globalização e diversidade. In: PATARRA, N. L. (Org.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, v. 2, 1996, p. 1–15.

LIMA, M. C.; MARANHÃO, C. M. S. A. *Reflexões (ainda) necessárias acerca da mobilidade estudantil*. Disponível em: <[http://www.inpeau.ufsc.br/wp/wp-content/BD\\_documentos/2197.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=>](http://www.inpeau.ufsc.br/wp/wp-content/BD_documentos/2197.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=>)>. Acesso em: 4 jun. 2010.

MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*. In: FERNANDES, F. (Org.). *Marx/Engels*. História. Tradução Florestan Fernandes; Vicktor Von Erhrenreich, Flávio René Kothe et al. 2. ed. São Paulo: Ática, 1984.

MENEZES, M. A. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses-migrantes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; João Pessoa: ed. UFPB, 2002.  
MORAES FILHO, E. (Org.). *Georg Simmel: sociologia*. Tradução de Carlos Alberto Pavanelli et al. São Paulo: Ática, 1983.

MUNANGA, K. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. *Cadernos PENESB* — periódico do programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. FEUFF: Rio de Janeiro/Niterói: ed. Alternativa/ed. UFF, n. 12, p. 169–203, 2010.

\_\_\_\_\_. *Negritude: usos e sentidos*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1, p. 287–308, nov. 2006 [1954].

PEIXOTO, M. D. S. *Estudantes guineenses na Universidade Federal de Uberlândia — sociabilidade de identificações em terras do além-mar*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Uberlândia: Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, 2014. Disponível em: <[http://www.bdtd.ufu.br//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=6574](http://www.bdtd.ufu.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6574)>.

PERES, E. P. *A inexistência de terra firme: a imigração galega em São Paulo, 1946–1964*. São Paulo: ed. USP/FAPESP/Imprensa Oficial do Estado, 2002.

SALES, T.; SALLES, M. R. R. (Org.). *Políticas migratórias: América Latina, Brasil e brasileiros no exterior*. São Carlos: ed. UFSCar: Sumaré, 2002. 198p.

SCHELER, M. Probleme einer Soziologie des Wissens. *Die Wissenformen und die Gesellschaft*, Leipzig; [s.e], 1926, p. 58s.

SCHUTZ, A. *El problema de la realidad social*. Buenos Aires: Amorrortu, 1974 [1962].

\_\_\_\_\_. O estrangeiro — um ensaio em psicologia social. Tradução: Márcio Duarte e Michael Hanke. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, n. 113, p. 117–29, out. 2010.

\_\_\_\_\_. *Sobre a fenomenologia e relações sociais*. Helmut T. R. Wagner (Org.); tradução: Raquel Weiss. Petrópolis: Vozes, 2012.

SILVA, K.; MORAIS S. S. Tendências e tensões de sociabilidade de estudantes dos PALOP em duas universidades brasileiras. *Pro-posições*, Campinas, v. 23, n. 1, n. 67, p. 163–83, jan./abr., 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072012000100011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072012000100011&script=sci_arttext)>. Acesso em: 22 out. 2012.

SIMMEL, G. Geral: problemas metodológicos fundamentais. In: MORAES FILHO, E. (Org.). *Georg Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática 1983a, p. 46–89.

\_\_\_\_\_. Conflito e estrutura de grupo. In: MORAES FILHO, E. (Org.). *Georg Simmel*. São Paulo: Ática 1983b, p. 150–64.

\_\_\_\_\_. Sociabilidade — um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, E. (Org.) *Georg Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática. 1983c, p. 165–1.

\_\_\_\_\_. A natureza sociológica do conflito. In: MORAES FILHO, E. (Org.) *Georg Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983d, p. 122–64.

\_\_\_\_\_. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, E. (Org.) *Georg Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983e, p. 182–8.

\_\_\_\_\_. O estrangeiro. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*. Universidade Federal da Paraíba, v. 4, n. 12, dez. 2005. João Pessoa: GREM, 2005. Tradução de: Soziologie. Berlin, Duncker e Humblot Editores, 1908, pp. 509 a 512. Disponível em: <<http://grem-sociologiaantropologia.blogspot.com>>. Acesso em: 17 set. 2010.

SUBUHANA, C. *Estudar no Brasil: imigração temporária de estudantes moçambicanos no Rio de Janeiro*. 2010. 210 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) — Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio do Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/2118>. Acesso em: 11 jun. 2011.

\_\_\_\_\_. Estudantes moçambicanos no Rio de Janeiro: sociabilidade e redes sociais. *Imaginário*, São Paulo, v. 14, p. 321–57, 2007. Disponível em: <[http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S1413-666X2007000100015&script=sci\\_arttext](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S1413-666X2007000100015&script=sci_arttext)>. Acesso em: 12 jun. 2011.

TAVARES, F. R. G. Schutz e Simmel: sobre os dilemas da condição social do “estrangeiro”. *Comum*, Rio de Janeiro, v. 6, n.17, p. 78–90, 2001.

TEIXEIRA, C. C. (Org.). *Em busca da experiência mundana e seus significados: Georg Simmel, Alfred Schutz e a antropologia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. *Catálogo*. Disponível em <<http://www.ufu.br>>. Acesso em: 5 jun. 2014.

URRY, John. *O olhar do turista*. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 2001.

WEBER, M. *Economia e sociedade*. Tradução Régis Barbosa; Karen Elisabeth Barbosa. 3. ed. Brasília: ed. UNB, v. 1, 1994.

### Fontes orais

ENT1. Uberlândia, MG, 9 de abril de 2013. Arquivo de mp3 (43 minutos). Entrevista concedida a mim no *campus* Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia.

ENT2. Uberlândia, MG, 28 de abril de 2013. Arquivo de mp3 (65 minutos). Entrevista concedida a mim no *campus* Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia.

ENT3. Uberlândia, MG, 22 de abril de 2013. Arquivo de mp3 (46 minutos). Entrevista concedida a mim no *campus* Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia.

ENT4. Uberlândia, MG, 25 de abril de 2013. Arquivo de mp3 (35 minutos). Entrevista concedida a mim no *campus* Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia.

ENT5. Uberlândia, MG, 17 de abril de 2013. Arquivo de mp3 (50 minutos). Entrevista concedida a mim no *campus* Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia.

Websites consultados : <http://br.advfn.com>

Recebido em: 17/11/2017 Aprovado em: 20/02/2018
--